

## TRANSGENERIDADE E TAMBOR DE MINA EM SÃO LUÍS-MARANHÃO: INTERSECCIONANDO (IN) VISIBILIDADES, EXISTÊNCIAS E (RE) EXISTÊNCIAS

**Gerson Carlos P. Lindoso**

*1-Mestre em Ciências Sociais (Antropologia) pelo PPGSOC-UFMA; Especialista em Gênero e Diversidade Étnico-Racial na Escola (GDE-UFMA) e Professor de EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA, Campus São Luís- Centro Histórico-CCH.*

### Resumo

O presente trabalho teve como objetivo principal levantar discussões e reflexões a respeito das relações entre Transgeneridade e o Tambor de Mina, religião de matriz africana, fundada em meados do séc. XIX em São Luís-Ma., de culto a entidades espirituais africanas (voduns e orixás) e não africanas (encantados e caboclos), a exemplo da Casa das Minas (Jeje/ Ewe/ Fon) e da Casa de Nagô (Nagô Abeokutá), ainda em funcionamento. Como orientação metodológica, nos valem da nossa pesquisa antropológica e etnográfica (vivências) desenvolvida no campo afro-religioso ludovicense e também maranhense, no qual utilizamos como instrumentos investigativos as entrevistas com mulheres trans (Tambor de Mina e Candomblé); participação em evento temático, organizado pela entidade social UNA LGBT-MA (Semana de Visibilidade Trans-2021); pesquisa bibliográfica, etc. Assim como outras matrizes afro-religiosas no Brasil (Candomblé, Xangôs, etc.), pensar as identidades dissidentes sexuais e de gênero nas religiões de matriz africana, no caso as transgêneras nos terreiros de Mina em São Luís-Maranhão, também perpassam por categorias analíticas importantes como 'tradição' e 'poder', que ditam e engendram padrões hetero cis normativos

nos contextos e modelos rituais dessas casas, resultando em aspectos estratégicos, desenvolvidos por essas pessoas trans afro-religiosas, para poderem ser visibilizadas, existirem e (re) existirem nesses territórios, que são amplamente divulgados e conhecidos como de 'acolhimento indistintos'.

**Palavras-chave:** Transgeneridade, Tambor de Mina, (in) visibilidades, Tradição Mineira, São Luís-Ma.

## Introdução

É muito instigante e ao mesmo tempo desafiador retomar pesquisas relacionadas às categorias relacionadas à Gênero, Dissidências, Identidades e Sexualidades relacionadas ao universo religioso, especialmente refletindo sobre às religiões de matriz africana no Brasil e de modo mais específico em nosso campo de estudos, a ilha de São Luís-Maranhão, a partir da sua vertente afro, denominada de Tambor de Mina<sup>1</sup>, dando vazão também para discussões contextuais e relacionais à outras vertentes presentes no Estado, como o Terecô, a Cura/ Pajelança, a Umbanda e o Candomblé. Um dos capítulos do nosso livro *Ilê Ashé Ogum Sogbô: etnografia de um terreiro de Mina em São Luís-Ma* (LINDOSO, 2014) começa a levantar esses debates e apresenta uma análise das lideranças masculinas nas religiões de matriz africana no Brasil e em São Luís-MA., a partir da figura do babalorixá Airton Gouveia, líder da casa estudada por nós, na época.

No ano de 2015, participamos do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH- Associação Brasileira dos Estudos da Homocultura, realizado na cidade de Salvador-BA., no qual apresentamos a comunicação oral, intitulada **'HOMEM NÃO DANÇAVA MINA': Questões de Gênero e Tambor de Mina no Maranhão'** (Id, 2012), analisando as representações a respeito do gênero masculino (o homem), seus papéis sociais; os seus locais de poder, enquanto país de santo, priorizando naquela discussão as identidades homossexuais desses afro- religiosos pautadas, na maioria das vezes, por padrões hetero-cis-normativos engendrados por 'tradições religiosas' seguidas pelos terreiros. É inegável que diante desse contexto há todo um sistema de 'tolerâncias' nas casas de matriz afro-brasileiras, regido e embasado por regras e normas

1 Tambor de Mina é uma religião de matriz africana em São Luís-Maranhão, fundada em meados do séc. XIX (2ª metade) por negras africanas, a partir de variados grupos étnicos culturais, destacando-se os Jeje e Nagôs na capital maranhense, a partir da fundação de duas casas que ainda resistem: Casa das Minas (1847- em nome de Maria Jesuína) (FERRETTI, S., 2009, p. 54 e a Casa de Nagô, fundada também em meados do séc. XIX por 'malungas africanas' 'de nação', Josefa e outras (SANTOS & SANTOS NETO, 1989, p. 49). É uma religião matrifocal feminina, estática e iniciática, de culto tanto a entidades espirituais africanas (voduns e orixás) quanto a não africanas (encantados e caboclos).

para que identidades dissidentes (homossexuais, lésbicas e especialmente, pessoas transgêneras) possam (re) existir e resistir a partir desse modus operandi tradicional religioso, que sofre variações de acordo com os terreiros em questão.

É importante destacar que o interesse pela temática e pesquisa a respeito da Transgeneridade e o Tambor de Mina se deu a partir das provocações iniciais ocasionadas nos primeiros debates da implantação da UNA LGBT-MA (União de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros no Maranhão), que aconteceu no I Congresso Estadual organizado por essa entidade na ilha de São Luís, ano de 2019. De acordo com Breno Santana (2021), presidente dessa entidade à nível estadual, a UNA LGBT-MA tem como foco uma luta emancipatória pelos direitos da população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuados e outras variações de gênero e sexualidades) em oposição e combate a um sistema patriarcal, machista, arcaico e principalmente capitalista, transformando nossa sociedade.

A Semana da Visibilidade Trans do ano de 2021, organizada pela UNA LGBT-MA., aconteceu de 26 a 29 de janeiro, apresentando o tema **‘Vivências Trans, muito além das avenidas e esquecimentos’**, tendo como destaque o lançamento de um documentário com o mesmo título da temática, mas além disso pontuamos que a maior parte dos debates e discussões do evento aconteceram no território sagrado de duas comunidades afro-religiosas de São Luís, constituindo um momento importante, que foi categorizado pela entidade como ‘Visibilidade no Axé’. Por meio dessas discussões e debates, dentro dos terreiros de Mina, Pietra, mulher trans, colaboradora importante desse trabalho e diretora de cultura da UNA-MA., afirmou que as pessoas transgêneras de religiões de matriz africana em nossa cidade puderam falar sobre suas experiências em termos de ‘existir’ nos terreiros de Mina, os obstáculos e barreiras ainda a serem quebrados (aceitações e rejeições) em meio às ‘tradições’ de cada casa diante dos ‘corpos trans’.

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivo principal desenvolver reflexões iniciais a respeito das relações entre Transgeneridade e Tambor de Mina em São Luís-Ma., analisando aspectos intrínsecos e categorias relevantes a essas discussões, como ‘tradição’ e ‘poder’, geradoras de ‘regras’ e ‘normas’ pautadas em Padrões Hetero Cis Normativos referentes ao gênero e à sexualidade, ditadores de comportamentos e existências no contexto desses

territórios sagrados. Um dos contrapontos da problemática levantada por esse estudo vai de encontro com uma das funções históricas das comunidades tradicionais de matriz africana no Brasil (terreiros), assim como em nosso Estado Maranhão, é de que esses territórios afro-religiosos são por excelência contextos multiculturais, políticos (SODRÉ, 1988, p. 64); de acolhimentos indistintos (raça, gênero, classe), e até mesmo psíquicos (SILVA, M.. 2005), e também a pessoas acometidas de variados tipos de sofrimentos (GOMES, 2020), entretanto, quais as causas e motivos das pessoas trans nessas religiões sofrerem uma série de restrições, interdições, 'silenciamentos' e até mesmo castrações (modo de ser/existir) para serem aceitas nesses universos afro-religiosos?!

Como metodologia nos valem das nossas 'vivências antropológicas' no campo de pesquisa na cidade de São Luís., desenvolvido através do estabelecimentos das relações e laços de amizade proporcionados pelo trabalho etnográfico de um pouco mais de uma década (início dos anos 2000) nas comunidades de matriz africana no Estado do Maranhão, no qual contamos com a colaboração de varidxs colaboradorxs e interlocutorxs. Como instrumentos investigativos utilizamos, inicialmente, a pesquisa bibliográfica em material específico, participação em eventos LGBTQIA+ (congressos, seminários, Semana da Visibilidade Trans, etc.); conversas/ entrevistas com mulheres trans afro-religiosas e lideranças da comunidade maranhense LGBTQIA+ a respeito da temática.

Para uma melhor estruturação e compreensão textual, respeitando as normas e limites de páginas de cada artigo, articulamos os desdobramentos discursivos do trabalho de pesquisa completo (1-Dissidências Sexuais e de Gênero nas Religiões de Matriz Africana no Brasil; 2-Homem que Dançava Mina ficava Efeminado; 3-Transgeneridade no Tambor de Mina em São Luís-Ma.) nos tópicos estruturais que organizam cada ensaio.

## Metodologia

Como metodologia nos valem das nossas 'vivências antropológicas' no campo de pesquisa na cidade de São Luís., desenvolvido através do estabelecimentos das relações e laços de amizade proporcionados pelo trabalho etnográfico de um pouco mais de uma década (início dos anos 2000) nas comunidades de matriz africana

no Estado do Maranhão, no qual contamos com a valiosa ajuda de varidxs colaboradorxs e interlocutorxs (INGOLD, 2018; URIARTE, 2014) Como instrumentos investigativos utilizamos, inicialmente, a pesquisa bibliográfica em material específico, participação em eventos LGBTQIA+ (congressos, seminários, Semana da Visibilidade Trans, etc.); conversas/ entrevistas com mulheres trans afro-religiosas e lideranças da comunidade maranhense LGBTQIA+ a respeito da temática, a exemplo do presidente da UNA LGBT, Breno Santana, que conhecemos a partir da nossa caminhada e militância política no movimento.

Para o início desse diálogo tivemos a contribuição de três mulheres trans negras de religiões de matriz africana: a Bianca Lopes (feita no Tambor de Mina, no centenário Terreiro da Turquia; atualmente, mãe de santo no Candomblé de Angola); Pietra Cunha Serra (filha de santo do terreiro de Mina: Ilê Ashé Sogbosi Inã, do pai Douglas) e Andresa Sharon Santana (atual mãe de santo da casa centenária 'Terreiro de Mina Matão de Moreira, no bairro Codozinho, em SI-MA; exerce o cargo atual de presidenta da AMATRA- Associação Maranhense de Travestis e Transexuais). Todas essas atrizes sociais são militantes políticas LGBTQIA+ no Estado do Maranhão, especialmente na capital ludovicense e estiveram envolvidas no protagonismo político organizacional da Semana de Visibilidade Trans 2021.

As Vivências Trans para além das Avenidas e dos Esquecimentos como tema dessa semana instigou discussões dentro de duas casas de Tambor de Mina em São Luís-Maranhão: o Ilê Ashé Sogbosi Inã (Casa de Força de Oyá), localizado na rua 28 quadra 80 jardim São Cristovão II em São Luís-Maranhão; e que tem como pai de santo, Jackson Douglas Ribeiro Pires, mais conhecido como 'Pai Douglas', filho carnal e espiritual da saudosa Mãe Maria dos Remédios (Sonimetó), ambos filhos (a) e descendentes do Terreiro de Mina São Jorge Jardim de Oeira-Casa Fanti Ashanti, do finado Euclides Meneses (Talabyan Lissanon), liderado nos tempos atuais por Isabel dos Santos Costa (Oba Onisemawyi), mais conhecida como Mãe Kabeca de Xangô. O outro terreiro de Tambor de Mina que foi espaço das discussões das experiências e vivências trans dentro das religiões de matriz africana em São Luís-Maranhão, foi o Ilê Ashé Sapatá Oyá, situado na Rua Costa Rica, quadra 15 casa nº 35 no bairro do Anjo da Guarda, liderado por Francisco Assis Moraes- mais conhecido como Pai Tico, atualmente ligado ao Ilê Ashé Obá Yzoo Ayzan, terreiro de Mina situado no bairro da Floresta- Liberdade, na Rua Tomê de Sousa, número 465, liderado

pelo babalorixá Wender Pinheiro, descendente também da Casa Fanti Ashanti e do Terreiro de Iemanjá, finado Jorge Itaci de Oliveira.

De acordo com Breno Santana, a importância de discutir essas questões dentro do próprio terreiro de Mina é algo super importante para dar maior visibilidade e combater transfobias. É inegável que a caminhada etnográfica no campo afro-religioso maranhense propiciou um melhor entendimento a respeito de como se dão as relações de gênero, como se processam, significam e ressignificam identidades dissidentes relacionadas ao gênero e as sexualidades, pois essas temáticas ainda são muito localizadas e internas às casas de religiões de matriz afro em São Luís-Maranhão.

## Referencial teórico

Como referencial teórico utilizamos a princípio uma literatura antropológica das religiões de matriz africana no Brasil (RIBEIRO, 1969; LEACOCK, 1972; FRY, 1982; BIRMAN, 1995; RIOS, 1997; TEIXEIRA, 2000; LANDES, 2002; FERRETTI, M., 1998) que levanta discussões a respeito das religiões de matriz africana, questões de gênero, identidades, dissidências e sexualidades (GAMA, 2014) especialmente focalizando as identidades trans nas religiões de matriz africana, a exemplo do Candomblé (LEMOS, 2019; DIAS, 2020). Para pensarmos categorias importantes que circulam nesse trabalho como poder, tradição, intersecção, transgeneridade, transexualidade, travestilidade e religiões de matriz africana, decolonialidade trouxemos algumas referências iniciais como: Foucault (2017); Cesaire (2010); Crenshaw (2015); Bento (2017a, 2017b); Ribeiro (2017); Oliveira, J (2017); Oliveira, N (1994); Maldonado Torres; Grosfoguel; Bernadino Costa (2019); Butler (2015); Elias (2000); Muszkopf (2012), referências por excelência decoloniais para contrapor visões brancoheterocentradas em padrões engessados essencialistas de gênero.

## Resultados e discussão

A princípio a pesquisa identificou que o Tambor de Mina em São Luís- Maranhão, vertente afro-religiosa tomada como objeto desse estudo, de bases matriciais femininas, historicamente e culturalmente pautada por padrões cis hetero normativos apresenta um grupo ainda pequeno quantitativamente de mulheres trans, empoderadas sócio

politicamente, que começaram a provocar um diálogo afro-religioso, reivindicando os seus direitos de existência, visibilidade e, especialmente de respeito dentro da religião. As trans invisibilidades ainda são um grande obstáculo que essas mulheres, filhas e mães de santo no Tambor de Mina e no Candomblé ainda tem que superar. A tradição (como categoria plurissignificativa) no Tambor de Mina engendrada em valores cis hetero normativos e aos papéis sociais generificados (funções/ indumentárias para o gênero masculino e feminino, respectivamente) é um dos degraus a serem percorridos, a partir dessa caminhada... As suas vozes precisam ser ouvidas!!!

Acreditamos que as identidades de gênero e as sexualidades no Tambor de Mina, assim como em outras matrizes afro-religiosas no Brasil perpassam por discursos legitimados por poderes e saberes, que ainda estão muito centralizados em padrões cis brancoheteronormativos ou constituintes de um heteropatriarcado, variando de acordo com as matrizes e os modelos rituais mais apegados a determinadas 'tradições'. É importante, que possamos elencar algumas considerações a respeito do que entendemos sobre a categoria 'tradição' aliada às comunidades de matriz africana no Brasil, pois esse conceito vai ser um elemento constituinte, relevante nos discursos dos agentes sociais (afro-religiosos; mineiras antigas, povo de santo maranhense) a respeito das relações de gênero, das dissidências, identidades e sexualidades dessa matriz afro-religiosa.

As tradições nas religiões afro-brasileiras são atravessadas por muitas transformações, dinâmicas e atualizações, o que é tradição hoje, pode não ter sido ontem e ser amanhã, variando em muitos aspectos, por exemplo ainda é 'tradição', que homens nos terreiros seculares, centenários, fundados pelas velhas africanas, mesmo em meio e presença de algum africano naquela época, não dançam Mina, a exemplo da Casa das Minas e Casa de Nagô. Por conseguinte, essa 'tradição' legitimada como uma 'regra' ou 'norma', constituintes de um 'matriarcado mineiro', vem sendo repensada em outras casas centenárias categorizadas como 'tradicionais'- a exemplo do Terreiro do Outeiro ou Turquia (Ilê Nifé Olorum) em que não dançavam homens.

As dissidências de gêneros e as sexualidades não normativas, especialmente a homossexualidade masculina e o Lesbianismo, categorias analíticas importantes desse item discursivo, quando visibilizadas ou identificadas no campo afro-religioso maranhense historicamente começam a aparecer semanticamente de modo

pejorativo (estigmatizadas e estereotipadas), a partir das próprias visões da sociedade da época (séc. XX) em relação a essas identidades. Podemos afirmar que a Literatura antropológica dos estudos das religiões afro no Maranhão é de um silêncio ensurdecedor, quando pensamos as identidades dos corpos trans, suas vivências e experiências nessas comunidades, pois a priori, há uma invisibilidade dessas identidades dentro das casas de Tambor de Mina sendo necessário urgentemente discutirmos os sentidos e significados desses silêncios e invisibilidades.

Parece-nos que as identidades homossexuais masculinas e lésbicas estão mais presentes ou são mais visíveis dentro da Mina e em outras vertentes afro em São Luís-Maranhão, entretanto, é preciso comprovar essa afirmação a partir de dados quantitativos e analíticos por meio de pesquisas relacionadas ao campo do gênero, identidades, das sexualidades e dissidências. De acordo com mãe Bianca Lopes (2021), ainda há muito preconceito, discriminação e mesmo transfobia dentro das religiões de matriz africana em nosso país; e isso está tanto ligado com a questão da indumentária, dos princípios, da tradição dos mais velhos/ as na religião quanto aos princípios da educação: é preciso que as travestis e as trans nas religiões afro não sejam apenas acolhidas e bem recebidas em festas de Pombagira e de Exu, mas em todas as festas e ocasiões.

É um campo silencioso, quando falamos sobre as identidades trans dentro do Tambor de Mina e das religiões de matrizes afro no Maranhão; ora ou outra são mencionadas ou exemplificadas algumas mulheres trans, ora no Tambor de Mina ora em outra vertente como no Terecô, ou mesmo no Candomblé, mas são poucas referências, quase não vemos essas identidades, os corpos trans, as travestilidades e transgeneridades como protagonistas e fazedorxs dessas religiões no Estado do Maranhão e na capital, São Luís.

## Considerações finais

A provocação foi feita a partir das vozes dessas mulheres negras trans afro-religiosas, mineiras e candomblecista de fé que buscam sair do anonimato e serem vistas, ouvidas e especialmente respeitadas no e pelas religiões de matriz afro em São Luís-Maranhão. Para além das festas de Pombagira e de Exu, entidades emblemáticas do universo afro-religioso brasileiro, a exemplo da matriz Umbanda por sinal, as

identidades trans, travestis, transgeneridades, travestilidades, precisam ser melhor acolhidas nos terreiros de Tambor de Mina em São Luís-Maranhão, assim como em outras vertentes que se fazem presentes em nosso Estado.

Indiscutivelmente há padrões hetero cis normativos sustentados e engendrados historicamente como leis da tradição do Tambor de Mina em São Luís-Maranhão, assim como em várias partes do Brasil, que propiciam todo um cenário de invisibilidades, de preconceitos e discriminação em relação às Identidades e corpos trans nessas religiões. Ao refletirmos sobre essas questões na atualidade, temos acompanhado várias reivindicações, contradiscursos, e questionamentos referentes a determinadas categorias estruturais e organizadoras dessas religiões, que na verdade constroem uma reprodutibilidade de discursos, dentre elas mais uma vez, a 'tradição', os lugares definidos do homem cis e da mulher cis, biologicamente construídos e representados unicamente por suas genitálias e por um sistema cultural de gênero performático, que dita o que é homem e o que é ser mulher na sociedade e nessas religiões!

As falas de nossas colaboradoras, tanto de Pietra Serra (filha de santo- Tambor de Mina) quanto de Mãe Bianca Lopes (Tambor de Mina e Candomblé de Angola) são categóricas ao afirmarem que a 'tradição' das religiões afro no Maranhão flexíveis para algumas coisas e para outras são bastante rígidas. É preciso que haja um maior diálogo nos terreiros para que as transfobias, os preconceitos e discriminações possam diminuir!

Por quais motivos e razões as mulheres trans, as travestis, no Tambor de Mina, no Terecô, na Umbanda, no Candomblé, na Pajelança (!) em São Luís-Maranhão ainda são muito invisíveis?! Elas estão aí, desde fins dos anos 90 (Bianca Lopes); Mãe Andressa Sharon (anos 2000); seguidas pelas filhas de santo Pietra Serra (Ilê Ashé Sogbosi Inã); Catrina (Ilê Ashé Sapatá Oyá) fazendo parte e a história das nossas religiões de matriz africana no Estado, assim como outras (!) e outros (e os homens Trans?!), que precisam de um melhor acolhimento e reconhecimento. A pesquisa ainda se encontra em estágio inicial por meio desse trabalho e não esgota de forma alguma as inúmeras possibilidades em termos de sentido e significados atribuídos as existências e re existências dessas mulheres trans no Tambor de Mina e em outras vertentes afro no Maranhão. A nível de informação junto a partir de nossas colaboradoras e no campo de pesquisa, não

identificamos até o presente momento (primeiro semestre de 2021) relatos e referências em relação a participação de homens trans como filhos ou pais nos terreiros de Mina na capital ludovicense e em outras cidades maranhenses.

## Referências

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Salvador-Ba: Editora Devires, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Transviadas: gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador: Edufba, 2017b.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BIRMAN, Patrícia. **Fazendo Estilo, criando gênero: possessão e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relumé Dumará: EDUERJ, 1995.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo.** Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. **On Intersectionality: Essential writings.** New York- EUA: The New Press, 2015.

DE SALES JÚNIOR, Ronaldo Laurentino. **O terreiro e a cidade: ancestralidade e territorialidade nas políticas de ação afirmativa.** Estudos de Sociologia, [S.l.], v. 2, n. 20, jan. 2015. ISSN 2317-5427. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235560/28527>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

DIAS, Claudenilson da Silva. **Identidades Trans em Candomblés: entre aceitações e rejeições.** Salvador-Ba: Editora Devires, 2020.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo. **Homossexualidade: um olhar antropológico.** PESQUISA EM FOCO: UFMA. v.6, n.8, jul./dez. 1998.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão.** São Luís: EDUFMA, 1996.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver: Identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1982.

GAMA, Elizabeth Castelano. **Mulato, Homossexual e Macumbeiro- Que rei é este? Trajetória de Joãozinho da Goméia (1914-1971).** Rio de Janeiro: APPH-CLIO, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

LEACOCK, Seth and Ruth. **Spirits of the Deep: a study of an Afro Brazilian cult.** New York: Doubleday Natural History Press, 1972.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LEMOS, Kaio. **No Candomblé, quem é homem e quem não é?** Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

MUSSKOPF, Andre Sidnei. **Via (da) gens Teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil.** São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediências de gênero.** Salvador-Ba: Editora Devires, 2017.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

RIBEIRO, René. **Personality and the psychosexual adjustment of Afro Brazilian cult members.** Journal of Societé des Americanistes, Tomo LVIII, 1969.

RIOS, Luís Felipe. **Lôce, Lôce, Metá Rê Lê! Homossexualidade e Transe (tividade) de gênero no Candomblé de Nação.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 1997.

SANTOS NETO; SANTOS, Maria do Rosário. **Boboromina, terreiros de São Luís: uma interpretação sócio-cultural.** São Luís: SECMA/SIOGE, 1989.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. **Lorogun- identidades sexuais e poder no Candomblé.** In: Moura, Carlos Eugêneo Marcondes de. **Candomblé: religião do corpo e da alma.** Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

Silva, M. L. **Racismo e os efeitos na saúde mental.** In L. Batista & S. Kalckmann (Orgs.), **Seminário Saúde da População Negra Estado de São Paulo.** São Paulo: Instituto de Saúde, 2005.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade- A forma social negro brasileira.** Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1988.